

A BATALHA

À CONVERSA COM RENÉ BERTHIER

René Berthier visitou a sede do Centro de Estudos Libertários no dia 4 de Maio de 2019, aos Olivais, e esteve à conversa com um grupo de cerca de dez sócios e simpatizantes.

Fonte: *A Batalha*, jornal de expressão anarquista,
VI Série — Ano XLV — n.º 284 - 285

Mar/ Jun 2019

https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2019/09/miolo_sem-miras.pdf

A Batalha: Vamos centrar esta conversa em dois eixos. O primeiro: a tua ligação a Portugal, sobretudo o Portugal libertário, e especificamente o grupo de *A Batalha* – que contactos e ligações tiveste, os textos que publicaste connosco. Sabemos que estiveste várias vezes em Portugal e que tiveste contacto directo com *A Batalha*. Fala-nos um pouco das tuas memórias da sede, as memórias que tens dos militantes e das militantes com quem te cruzaste, a correspondência que trocaste posteriormente... Mais à frente, o segundo eixo: a tua ligação com a Fédération Anarchiste Française, desde logo a obra de Gaston Leval e a sua ligação com Camus.

René Berthier: Estive em Portugal pela primeira vez durante a revolução dos cravos, não estou certo se logo em 1974 se no ano seguinte. Vim como delegado do meu sindicato, Le Syndicat des Correcteurs [Sindicato dos Revisores de Texto]¹, com um companheiro anarco-sindicalista chamado Jacky Toublet, bastante mais velho que eu – eu era muito novo nessa altura – e um indivíduo extremamente dinâmico. Éramos muito próximos. Foi aí

1 Membro da Federação do Livro da CGT (Artes Gráficas) (R.B.)

que conheci o Emídio Santana, a Lígia de Oliveira e a Elisa Areias², que aliás voltei a ver recentemente, em 2012.

Mas os contactos posteriores a esse encontro não foram, na verdade, assegurados e mantidos por mim, mas pelo Jacky Toublet – era ele o motor, o «chefe» –, e também por um outro companheiro chamado Thierry Porret, que era muito próximo do movimento libertário sueco, com o qual, como sabem, a Lígia tinha bastante proximidade por ter vivido no país. Quando cheguei a Lisboa, na altura, tive uma impressão de inverosimilhança – não queríamos acreditar no que víamos. Fomos convidados a visitar a sede da Rua Angelina Vidal, passeámos pela cidade, conheci o vinho verde [*risos*]. Na sequência, trocámos correspondência durante uns anos.

Por essa altura, ajudei a criar em França um grupo chamado Alliance Syndicaliste Révolutionnaire et Anarcho-Syndicaliste, a que chamávamos só L'Alliance. É evidente a ligação com a Alliance [Aliança da Democracia Socialista] do Bakunine. Esse grupo foi constituído porque constatámos – nós, militantes anarco-sindicalistas – as falhas do movimento anarquista no Maio de 68. A ideia passava por coordenar a acção do sindicalismo libertário, fosse qual fosse a filiação dos militantes – de um lado a CGT, do outro a CNT, ainda a Force Ouvrière, etc. Esse propósito acabou por, de algum modo, falhar, porque a maioria dos líderes do movimento foram abandonando a Alliance. Sobrou então um grupo muito coeso e ideologicamente muito coerente, com membros de toda a França.

Não éramos muitos, mas quem estava na Alliance representava muita gente. Muitos vinham apenas do movimento sindicalista, não do libertário. Nessa época, recrutávamos completamente fora dos meios anarquistas. Por conseguinte, a Fédération Anarchiste detestava-nos. Faziam-nos críticas severas. O Thierry Porret era um dos poucos militantes no país que pertencia tanto à Fédération como à L'Alliance. Nessa altura lançámos um boletim chamado *Solidarité Ouvrière*, com artigos sobre as lutas correntes, mas também sobre teoria. *A Batalha* republicou alguns desses artigos, que não eram assinados.

Ficámos muito contentes por percebermos que os artigos eram lidos fora da França. Mas, após isso, não tive muitas mais ligações com o movimento português, porque fui absorvido pelas tarefas sindicais, que me ocuparam sempre muito tempo. Foi só em 2012 que voltei a visitar o país, a seguir à Feira do Livro Anarquista de São Paulo. Estive no Porto, na Conferência

2 Assim como Luis Garcia e Silva (R.B.)

Libertária. Vim para propor a criação da Federação Anarquista Portuguesa, mas acabei por perceber que era difícil. E falei do encontro internacional que houve nesse ano [Agosto de 2012] na Suíça, em Saint-Imier. Foi um encontro extraordinário: 4000 pessoas durante uma semana e nem um incidente – as ruas estavam mais limpas do que sem anarquistas lá.

Um dia, cruzámo-nos com uns polícias e percebemos que a autarquia tinha duplicado o efectivo policial: tinham passado de um a dois [risos]. E havia crianças e companheiros brasileiros que jogavam futebol na rua! Os comerciantes perguntavam-nos se voltaríamos no ano seguinte. Diria, sem modéstia, que o encontro foi organizado a 80% pela Fédération Anarchiste. Claro que, mais tarde, os plataformistas vieram reivindicar que tinham feito mais do que o pouco que fizeram... Um companheiro brasileiro costuma dizer: se um plataformista lavar um prato, no dia seguinte vai dizer que organizou tudo.

A Batalha: Permite-me voltar aos anos da revolução portuguesa. Os teus contactos, depois da tua visita, duraram quanto tempo?

René Berthier: Duraram alguns anos. Houve uma certa desilusão, porque pensávamos que a CGT ia recuperar a sua força antiga. Não aconteceu. Não sei se tem havido análises sobre isso.

A Batalha: Faz parte da história do jornal, esse imaginário da reconstrução da CGT. Nessa altura, a seguir ao 25 de Abril, o jornal tinha ainda o subtítulo de Jornal Sindicalista Revolucionário. Era um projecto de grande importância para os militantes como o Emídio Santana, que tinham ainda presente a memória do fim da CGT e do início da ditadura. Esse projecto, esse ideal, manteve-se até ao início dos anos 1980 e depois desapareceu. Percebeu-se muito cedo que o movimento sindical estava já centrado em objectivos completamente diferentes.

René Berthier: Bom, havia o Partido Comunista...

A Batalha: E mesmo o Socialista, que acabou por criar a sua própria central sindical, a UGT. Todo o sindicalismo passou a estar integrado nas instituições, centrado no diálogo com o Estado.

René Berthier: Não sei qual era a importância numérica, mas... Lembrome de nessa altura ter encontrado muitos militantes, os antigos, que tinham memória desse período do fim da CGT e me contaram a história do movimento. Não sei se teria havido possibilidade de o movimento ressurgir, mas creio que não. A verdade é que não havia jovens suficientes, suficientemente formados, para constituírem um novo movimento.

A Batalha: Havia jovens, mas sobretudo estudantes, não operários.

René Berthier: Não é com estudantes que fazemos as coisas... O sucesso da Alliance fez-se porque não tinha estudantes. Eram pessoas que eram já militantes. Aqui [em Portugal] as pessoas estavam de tal modo encantadas pela aura da CGT que não perceberam que as forças eram outras. Que era preciso ter militantes com presença efectiva no meio sindical. Foi o que aconteceu connosco, a presença era muito forte. Creio que somos a única entidade anarco-sindicalista que de facto seguiu os princípios da Alliance do Bakunine. Nós recrutávamos pessoas entre os 25 e os 40 anos, pessoas que eram já militantes, e não adolescentes em ruptura com o poder autoritário paternal [*risos*]. E não creio que em Portugal houvesse esse núcleo suficientemente grande...

A Batalha: Havia esse fosso entre os militantes mais velhos e uma geração de gente muito jovem, sem memória dos tempos de glória da CGT, à procura do seu anarquismo. E, de um modo geral, mesmo se algumas das experiências feitas durante esse período pudessem ser consideradas de algum modo anarquistas – autogestão de fábricas, ocupação de terras, cooperativas de produção –, não havia uma consciência política anarquista. Tudo foi subsumido no PCP e no maoísmo. Mas, René, avançaríamos agora para uma conversa um pouco mais pessoal sobre ti, sobre o teu trajecto de vida, o teu envolvimento com o movimento libertário – com que idade, em que época, de que modo. E, muito em particular, o teu importante contacto com o Gaston Leval.

René Berthier: Bom: quando era estudante, em finais dos anos 60, fiz-me assinante do jornal do Gaston Leval. Chamava-se *Les Cahiers du Socialisme Libertaire* e depois mudou de nome: *Les Cahiers de L'Humanisme Libertaire*. E quando fui para Paris, logo após essa altura, conheci um tipo que era parte do grupo e me introduziu a ele. O objectivo do grupo – éramos muito poucos, sete ou oito – era a formação de militantes por parte do Gaston Leval. Era a sua obsessão. A ignorância dos anarquistas, em termos de teoria e história, enlouquecia-o. Ele tinha um motto que era «Não criamos bons militantes a partir de ignorantes».

Assim, ele *trabalhava-nos*. Quando dizíamos disparates, quando dávamos opiniões não fundamentadas, ele corrigia-nos. Éramos obrigados a saber argumentar. Descrevo isso algures, num textinho: digo que o nosso consolo era a sua companheira, que fazia um magnífico choucroute [*risos*]³. Era um tipo muito orgulhoso, que não aceitava muito bem quando não estávamos de acordo com ele. Vivia num apartamento próximo da Gare de Monparnasse que estava repleto de livros. Tinha a mania de fazer fichas, milhares de fichas, fichas de leitura.

Perdia muito tempo com elas mas depois ganhava sempre q ue precisava de escrever um artigo. Depois da morte dele [em 1978] – eu já tinha cortado relações com ele – perguntávamo-nos onde paravam essas fichas. Creio que nessa altura... Quando somos jovens, somos caracterizados pela ingratidão, não somos respeitosos. E creio que não me apercebi da dívida que tinha para com ele, do quanto ele contribuiu para a minha formação, dos benefícios que tirei da minha relação com ele. Um dia – ele era muito, muito anti-marxista – pediu-me para escrever um artigo sobre o pensamento económico do Proudhon. Escrevi-o para o jornal dele e ele recusou-o por ser demasiado marxista. Aí, curiosamente, foi ele quem não soube argumentar. Foi a partir desse episódio que nos afastámos gradualmente – vi o ídolo a tornar-se humano, de certa forma.

Saí do grupo e, nesse ano, em 1971, criámos a L'Alliance de que falei mais atrás. E é engraçado: nessa altura ouvimos dele uma frase que, agora, recordando-a, quase me dá vontade de chorar: Vocês não estão prontos! Era quase o pai a não aceitar a partida dos filhos. Mas nós estávamos prontos, porra! Porque estávamos todos muito bem preparados para o debate de

3 O chucrute é um prato tradicional da Alsácia, do qual nasceu a Marguerite.. Cf. Marguerite Liégeois, <https://maitron.fr/spip.php?article156101>

ideias, para o combate político. Outros militantes libertários, quando frente a frente com marxistas e maoistas, perdiam sempre. Eram ignorantes. Connosco, nunca eram eles quem tinha a última palavra. E isto foi tudo graças ao Leval! E não nos apercebemos disso, à época. Conhecíamos muito bem Trostky, Marx, todos esses. Considero, sem modéstia, que conheço muito bem o marxismo.

A Batalha: E, René, sabemos que mantiveste um Círculo de Estudos Libertários Gaston Leval.

René Berthier: É importante falarmos um pouco da vida do Gaston Leval. Em 1915, foi para Espanha em fuga do serviço militar na Grande Guerra, e no momento da Revolução Russa foi enviado para lá como delegado da Federação de Grupos Anarquistas de Barcelona – e não a CNT, como alguns pensam – para assistir ao congresso de criação da Internacional Sindical Vermelha. Eram coisas de grande importância, claro. Foi aí que se cruzou com todos os dirigentes bolcheviques: Lenine, Trotsky, Kollontai. Ele deu-se mal com o Trotsky e foi o relato que ele trouxe de volta para Barcelona que fez com que a CNT não aderisse à Internacional Sindical Vermelha⁴. Foi, parece-me, uma escolha muito importante para o futuro. Portanto, ele contou-nos todas essas histórias. Ouvíamos-las como crianças, era fascinante. Ele conheceu toda a gente – passaram por casa dele todos os exilados da Revolução Russa e da Revolução Espanhola. Enfim, era um personagem avassalador.

A Batalha: E como descreves o Socialismo Libertário, o Humanismo Libertário do Leval? O seu legado.

René Berthier: Não me considero herdeiro dele. Tomei outras direcções. Reconheço-lhe um papel importantíssimo na minha própria evolução, é certo, e compreendo que possa ser visto como um herdeiro dele. Bom: mas, nessa época em que o acompanhei, o Leval foi rejeitado pela Fédération Anarchiste. Mais tarde, tentaram ocultar isso, claro, quando finalmente

4 No calor do debate com os camaradas de *A Batalha*, esqueci-me de mencionar o papel decisivo desempenhado pelo relatório de Angel Pestana na recusa do CNT em aderir à Internacional Sindical Vermelha. (R.B.)

perceberam que o Leval era alguém importante. Ele não via com bons olhos uma revolução violenta, mas tinha argumentos... De um modo geral, ele baseava a sua posição numa frase que o Bakunine escreveu já no fim da vida e que dizia qualquer coisa como depois da Comuna [de Paris], o Estado dispõe de meios para oprimir a classe operária bem superiores àqueles de que ela dispõe para se lhe opor. E, diria eu, hoje é milhares, milhões de vezes pior. E, enfim, se eu sou o herdeiro do Leval, é por essa via um pouco iconoclasta.

Creio que o movimento anarquista de hoje vive de conceitos completamente ultrapassados, ou até de mal-entendidos. Por exemplo: a palavra autoridade. Quando vemos a palavra nos textos do Bakunine ou do Proudhon, é sempre sinónimo de poder do estado. Ora, hoje, depois do fim da Internacional, o autoritarismo tornou-se num conceito psicologizante, centrado no indivíduo, que evoluiu à sombra do individualismo. Na concepção anarquista inicial isto não faz sentido nenhum. O Bakunine, aliás, detestava os individualistas, nem sequer os considerava anarquistas. Para ele, na doutrina anarquista – sem adjectivo –, há uma série de elementos que constituem uma doutrina global, e, dentro dessa doutrina global, existe uma teoria do indivíduo, em particular no Proudhon. Nela desenvolve-se uma teoria do indivíduo que não corresponde a uma doutrina global que apelidaríamos de individualismo anarquista.

Não há necessidade de se criar um anarquismo individualista separado do próprio anarquismo. Dentro da doutrina anarquista, há também uma teoria da violência. Bakunine dizia que, se tomarmos a iniciativa de envolvermos o proletariado na revolução, é bom que seja um sucesso, senão é crime! Eis uma teoria da violência, que uso devemos fazer da violência. É o mesmo com o individualismo. Os individualistas dizem que é pelo individualismo que vamos emancipar a humanidade. Não acredito nisso. Os insurreccionalistas dizem que é pelo insurreccionalismo que vamos emancipar a humanidade. Depois há os vegetarianos, etc, todos dizem a mesma coisa. Para o Leval, a doutrina anarquista global continha várias ideias e reflexões das quais ele fazia uso conforme as circunstâncias.

Portanto, acho que o anarquismo de hoje tem de largar essas coisas do passado – individualismo e etc. – e constituir-se como doutrina anarquista global, mas não ideologia, nunca falo de ideologia. E tem de tomar em conta a sociedade de hoje, que não é a mesma que a de Bakunine. Já não há proletariado, em França a classe operária corresponde a nem 12% da

população. O movimento anarquista de hoje não tem qualquer espécie de discurso dirigido às classes médias, e não é com o discurso radical de hoje que se chega lá. A verdade é que houve um modelo revolucionário. E, infelizmente, o movimento anarquista não soube estudar os contextos. O sindicalismo revolucionário francês, quando o olhamos de perto, durou pouco tempo, desde o início do século XX até 1914.

A Espanha teve um movimento revolucionário importante porque não havia mediação entre a classe operária e a burguesia. Toda a reivindicação operária tinha como resposta a polícia, a polícia a disparar. Nessa altura, o operariado tinha de ser revolucionário. Isso permitiu a expansão de uma organização como a CNT, que era a única capaz de organizar os trabalhadores. Na Bélgica houve também um movimento revolucionário, mas foi destruído quando, após manifestações violentíssimas, se estabeleceu o direito de voto. Na Alemanha nunca houve movimento revolucionário porque o Bismarck ofereceu logo o direito de voto. E, na França, houve um movimento revolucionário importante mas só até 1908, 1910. Até essa altura, o Estado disparava sempre em resposta, morreu imensa gente.

E, nessa altura, houve uma catástrofe terrível numa mina, que matou cerca de 1000 pessoas. Isso despoletou um movimento que conquistou o direito a férias pagas, que não existia. Nesse momento, a direcção da CGT mudou porque ela percebeu que não era possível estar em confronto permanente com o poder estatal, pelo que passou a tentar negociar. Antes disso, era a acção directa, havia uma recusa total em negociar. Portanto, o que faz a existência de um movimento revolucionário não depende de 20 operários ou de 20 estudantes ou de 40 estudantes-operários que proclamam vamos fazer a revolução!, mas sim um contexto global extremamente complexo que faz com que um movimento revolucionário seja possível. Ora, hoje, os anarquistas não têm este tipo de análise em consideração. Achrom que a revolução é sempre possível. Não é verdade. Hoje, não podemos aplicar as mesmas estratégias que a CNT espanhola em 1930 ou que a CGT francesa em 1900. Mas também não acredito na possibilidade do gradualismo, temos de encontrar outras vias. Mas, pessoalmente, não sei quais..